

Suplemento Cultural

Dois valorosos ambientalistas de MS

REGINALDO A. ARAÚJO
PRESIDENTE DA ASL

Aproximava-se o dia 1º de janeiro de 1979, data escolhida pelo governo federal para inaugurar o novo Estado da Federação, que foi batizado com o nome de Mato Grosso do Sul, tendo como capital a cidade de Campo Grande.

O Estádio do Moreirão lotou para receber o general Ernesto Geisel, presidente da república, e, com admiração, o engenheiro Harry Amorim Costa, governador indicado pelo presidente, para governar os destinos do povo sul-matogrossense. Na entrada dos governantes, a multidão que estava no estádio se ergueu em aplausos longos e gritos de euforia, enquanto no ar espocavam foguetes de todos os lados, era a chamada “salva de 21 tiros”. Rádios e canais de televisão transmitiram, ao vivo, as cenas inapagáveis da inauguração. Os últimos documentos foram assinados pelos dois mandatários quando, de forma solene, com voz pausada, o locutor anunciou a entrada do ambientalista Astúrio Ferreira dos Santos que, emocionado, entregou nas mãos do governador Harry Amorim Costa a pasta contendo milhares de assinaturas. Era o famoso “abaixo-assinado” pró-defesa do Pantanal, já de conhecimento do presidente general Ernesto Geisel.

O governador apertou a mão do ambientalista e o convidou para visitá-lo, numa ocasião propícia, em seu gabinete. O público ergueu-se outra vez em efusivos aplausos. Dias depois, já se enfiando com os problemas do novo Estado, principalmente com o movimento vigoroso dos ambientalistas, decidiu criar um órgão no seu governo para defender a fauna e a flora e tudo o que há de belo e sagrado na ecologia sul-mato-grossense. Assim surgiu o Inamb (Instituto de Preservação e Controle Ambiental) que tanto colaborou na fiscalização dos rios e matas, intimidando os depredadores da natureza. Aconselhado pelos assessores e pelas constantes visitas dos ambientalistas do Estado, especialmente do conceituado Astúrio, Harry Amorim convi-



Harry Amorim Costa, primeiro governador de Mato Grosso do Sul, que acolheu os ideais dos ambientalistas Astúrio dos Santos e Adir Curiel

dou e empossou como diretor-geral do Inamb, o coronel Flávio Américo dos Reis, corajoso militar que comandou a Unidade do Exército sediada na cidade de Coxim, implantando um trabalho de fiscalização, sem precedentes, nas águas dos rios Coxim e Taquari e nas florestas da região, varrendo da localidade os morfeitos criminosos da ecologia.

Foi uma retumbante vitória dos ambientalistas de todo o Estado. A população acompanhou satisfeita a alegria dos ecologistas. Na visita de agradecimento ao governador, Astúrio prontificou-se, juntamente a seus companheiros, a colaborar com as atividades do Inamb, em todos os recantos do Estado.

Na saída do Palácio do Prosa, Astúrio deu de cara com o amigo Curiel. Abraçaram-se. Caminharam conversando ao longo da margem do Córrego Prosa. Astúrio sabia o quanto Curiel foi importante nas incursões contra os depredadores, nas margens do Rio Aquidauana.

Adir de Jesus Curiel nasceu em Campo Grande, no ano de 1944, serviu o exército na Brigada Militar, na cidade de Corumbá, onde aprendeu a admirar a beleza pantaneira, depois se tornou motorista da potente Viação Cometa e, seis anos depois, por meio de concurso, ingressou na Polícia Rodoviária Federal, indo prestar serviço em São

“

(...) o locutor anunciou a entrada do ambientalista Astúrio Ferreira dos Santos que, emocionado, entregou nas mãos do governador Harry Amorim Costa a pasta contendo milhares de assinaturas. Era o famoso ‘abaixo-assinado’ pró-defesa do Pantanal”

José do Rio Preto. No ano de 1976, conseguiu transferência para a cidade de Campo Grande. Já no fimzinho de 1977 passou a integrar o valoroso grupo montado por Astúrio, para fiscalizar as águas do Rio Aquidauana, intimidar e prender os inescrupulosos depredadores ambientais. Foram seis meses de intensa luta até a chegada dos fiscais do Inamb. Na intensificação dos patrulhamentos e barreiras realizados pelo INAMB, o destemido Curiel, requisitado para aquela batalha, lá estava e nunca negou fogo.

Hoje aposentado, Adir de Jesus Curiel reside na cidade de Jardim, onde, com muita disposição, tem um escritório de compra e venda de gado.

Tipos populares – Maria Bolacha

NELLY MARTINS

Maria Bolacha era uma figura singular.

Sem atrativos femininos, gorda e baixota, mostrava a cara redonda como uma bolacha.

Caminhava pelas ruas de pano na cabeça e um saco nas costas. Seu porte me lembrava um pouco o “Corcunda de Notre Dame”.

Mães gostavam de amedrontar os filhos, dizendo-lhes ser ela perigosa, pois carregava um bom pedaço de pau para defender-se.

Quando zangada, se enchia de ira e se punha a xingar os meninos mal-educados que a importunavam.

- Cuidado que ela os leva no seu saco - Diziam as mães aos filhos.

Ainda criança, eu me recordo de observá-la atenta, quando passava em nossa rua. Mais de uma vez vi a pobre esmolar e ser agredida pelos moleques endiabrados, que lhe atiravam pedras.

Quando ela se ia, eu pensava: - Para onde ela vai? Será que tem onde morar?

Outro dia, ouvi contar que sua morada seria em baixo da ponte e me atrapalhei mais. Onde seria, se não temos nem rio, e nem ponte?

Quando compreendi que era mesmo na rua que vivia, senti pena e me enchi de simpatia por ela.

É O CORAÇÃO DE MUIÉ

HELIOPHAR SERRA

Na roda do whisky-caipirinha, a animação era total, na aveludada noite do Ano Novo! Como é notório nessas ocasiões, todos falavam alto, riam, sorriam, gargalhavam, mas ninguém escutava ninguém...

Pandófilo, o sóbrio, resolveu disciplinar a bagunça. Propôs um “concurso light”: cada voluntário deveria concorrer com uma frase, célebre, uma poesia, um soneto, ou quadrinhas, de autoria própria ou não. Ao final, o juiz, enfeixando poderes absolutos, faria o julgamento inapelável. Caberia ao vencedor único, como prêmio, uma garrafa de champagne e uma dúzia de garrafas de cerveja. Todos aplaudiram, concordando.

O primeiro que pulou na roda foi o Galdino. Recitou na galhofa: “Todos vocês são espertos. Porém, mais espertos do que eu ninguém é: Desfaço tranças de fumaça E dou beijo em busca-pé.”

Em seguida, na sua vez, Tobias, o poeta, evocou Franklin Cassiano da Silva, poeta corumbaense falecido em Cuiabá, no dia 9 de junho de 1990:

“*Todo o meu ser se estorce contristado Numa agonia imensa e dolorida... Sinto um grande desejo incontestado De uma beleza vaga e indefinida...*”

...E é tanta a dor que este meu peito invade Que nem sei se é do dia essa tristeza, Ou se é minha alma que entristece o dia.”

Mal terminou o último verso, Tonicão, o serelepe, soltou estas quadrinhas:

“*Moça morena é quitute. Moça branca é canja fria. Quero a morena pra sempre E a branca por um dia.*”
“*Dizem que a muié é farsa, Tão Farsa como papé, Mas quem vendeu Jesus Cristo Foi home, não foi muié...*”

Depois das risadas, entrou o Zé Vicente recitando o velho e glorioso Catulo da Paixão Cearense:

“*Tu não tá vendo a lagoa Daquela baixa, acolá? Óia! Chega rebera, Espia que tu verá A cara da tua cara, lá no fundo a te espia...*”

“*Enquanto tu tá oiando, Ela tá sempre a te oiá, Mas quando tu te arretira... Morogotó... nem siná!!! Aquilo que fez contigo Faz com outro que vinhé Após, oiá essa lagoa É coração de muié!!!!...*”

Estrondaram aplausos! Cessadas as palmas, o “juiz” pacífico, 3º ano de direito, lavrou a sentença, com voz pausada e firme:

- Todos vocês foram brilhantes, sacudiram a galera! E, assim, como juiz, decido premiá-los com três garrafas de cerveja para cada um.

- E o champagne? - indagaram, surpresos, os concorrentes.

- O champagne? - repetiu o juiz. E ele mesmo respondeu:

- O champagne é meu! Fica responsável pelos meus honorários de juiz. Falei e tá falado.

Apanhou a bonita garrafa e caiu numa estrondosa risada, capaz de abalar os alicerces do longínquo Taj Mahal...

POESIAS

CAMÕES

*No mosteiro dos Jerônimos
Acaricie as esculturas do claustro,
Fixei nos olhos e na mente
Os desenhos da abóbada
E dos portais.*

*A lembrança de Camões,
Grave e tensa,
Percorreu a minha espinha,
O meu sangue português,
Com a força
De múltiplas solidões.*

*Meu corpo todo tremeu,
Como nau no oceano,
Mergulhei num mundo sombrio,
Num labirinto de sal.*

Uma flecha

*Vinda do cosmos,
Trespasou de dor meus pulmões,
Foi um calafrio de tortura
A consciência do sofrimento
De um ser tão culto,
Tão sensível como Camões.*

*Foi uma inquietação,
Uma vertigem,
Sentir o valor da vida,
Miserável e grandiosa,
O amor,
Como se eu devesse a Deus e aos
homens
Mil perdões.*

RAQUEL NAVEIRA

À BANDEIRA E À JUVENTUDE DO BRASIL

*Sacrossanto pendão de nossa
terra-berço,
Flabelando, feliz, ao sol de nossas
vidas,
Aos jovens do Brasil, no tremular
convidas
A cumprir seu dever, a qualquer
custo ou preço...*

*Juventude! Não negues ao Brasil teu
braço,
Nem esta alma viril e audaz que
recebeste!
És defesa da Pátria, do teu solo e
espaço,
És parcela moral da terra em que*

nasceste!

*Nossos antepassados te legaram
exemplos,
Em seus lares, escolas, na caserna e
templos
Passaram os heróis, que viverão na
História!*

*Retoma no teu peito o galdardão
sagrado
Por Bilac e Caxias, imortais, plantado
No altar desta Nação e no panteão da
Glória!...*

ANTONIO LOPES LINS

FELICIDADE E AMARGOR

“*Não te abatas diante da
adversidade, ao contrário,
opõe-te a ela, tanto quanto
a tua sorte te permitir*”

Virgílio

GERALDO RAMON PEREIRA

Caminhamos, pela existência, de mãos dadas com duas companheiras que não se entendem: de um lado, a felicidade; do outro, a desventura. Quando uma nos aperta a mão, com carinho, a outra a solta, com desdém. E se ambas - a felicidade e a desventura - nos murmuram simultaneamente ao ouvido da consciência, ai de nós! Nassem, daí, os conflitos: é o velho caso da filha que ama o homem a quem o pai odeia; é aquele terrível dilema que dilacera o coração do cônjuge infeliz, o qual busca em outrem a felicidade não encontrada, mas vê refletido, no rostinho inocente dos filhos, o amargor da própria desventura.

Assim, ao nascermos - frutos talvez da maior felicidade terrena: o amor consumado - já suscitamos gemidos de dor em nossa mãe. Quando declina a tortura, sobrevem a mais sublime das compensações ao sofrimento: um coração materno contemplando o filho dos seus sonhos. E, de mistura a essa alegria divinal, a primeira agrura: a de ouvir o pranto da criança, embora um gorjeio a denunciar a nova vida... Vida que nada mais é senão um implacável prenúncio da morte - sua consequência natural, porém inadmissível ao coração humano. E eis, pois, pela senda da vida, entre tropeços e equilíbrios, lágrimas e sorrisos, desventura e felicidade, nunca esta se afinando com aquela!

Vem a festa do primeiro aniversário. A casa povoada de crianças qual um céu de abril brasileiro - florinhas de ouro gotejando orvalho de luz. Aquela criança laureada já ensaia os primeiros passos, já articula “mamá”... “papá”...,

o que faz ecoar hinos de orgulho e esperança no íntimo dos pais. De fato, ali está, geneticamente, a única maneira de se continuar vivo por esta vida. Aquela gente pequena promete a gente grande o que talvez a gente nunca conseguira ser! Quanta esperança, quanto sonho aninhado nos caracóis sedosos daquela fronte angelical!

Entretanto, no corre-corre da vida, quase nunca pensamos nas cruéis fatalidades de que é suscetível o nosso destino. A exemplo, quase nunca nos passa pela mente que aqueles ágeis passinhos, registrados tanto nas câmeras como em nossa felicidade, posam um dia vir a ser tolhidos pela traiçoeira paralisia... Que aquela voz celeste e singular corre o risco de emudecer para sempre... Enfim, jamais conceberíamos que naquela mesma mesa - onde há pouco reacidia teimosamente, sobre o bolo branco ou cor-de-rosa, a velinha nº 1 da felicidade - naquela mesma mesa (como ainda sói acontecer) pudéssemos também ver um corpinho inerte e frio, sem nenhuma vontade de soprar as pequenas velas que o cercam!

Perdoe-me - nobre leitor - as lúgubres meditações, mas estejamos também preparados para essas realidades inglórias, aceitando venturas ou desventuras como provações enviadas do além. Portanto, no dia do seu aniversário, abra os ouvidos da alma ao “parabéns a você”, comungue com toda a alegria dos seus e do seu mundo, dê graças ao Pai pela sublime amostra dessa “felicidade eterna”. E jamais conclua que, teluricamente, essa data seja apenas mero e ilusório marco de virtual felicidade, um efêmero momento que já vai fugindo, só mais uma parcela de um final que vem chegando, fatal e inexoravelmente... Afinal, entre a dura realidade e a sonhada felicidade, fiquemos com esta. É a escolha mais feliz!